De Saussure a Benveniste: os caminhos da conversão da língua em discurso

Saussure to benveniste: the ways of language convertion to discourse

Carolina Knack
Carmem Luci da Costa Silva

RESUMO
Este artigo tem por objetivo investigar possíveis respostas para os questionamentos formulados por Saussure na "nota sobre o discurso", os quais dizem respeito à passagem da língua ao discurso. Sendo essa também uma preocupação do linguista Benveniste, busca-se explorar as reflexões enunciativas deste, em especial as relativas à semantização e aos modos semiótico e semântico de significação, que podem apresentar-se como uma via possível para compreender a conversão da língua em discurso.

PALAVRAS-CHAVE
Língua. Discurso. Semiótico. Semântico.

ABSTRACT
This article proposes to investigate possible answers to the questions formulated by Saussure in "nota sobre o discurso", which is related to the transition of language to discourse. Since this is also a concern for Émile Benveniste, seeks to explore the reflections of this enunciative, particularly those relating to the aspect of semantization and modes of semiotic and semantic meaning, which can presented as a possible way to understand the language conversion into speech.

KEYWORDS
Language. Discourse. Semiotic. Semantic.

> *A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua entra em ação como discurso?*
>
> Saussure, em *Escritos de Linguística Geral* (2004).

INTRODUÇÃO

No ano em que se homenageia Saussure por conta do centenário de seu falecimento, nada mais justo que dar àquele que edificou as bases da Linguística moderna o lugar que lhe é devido. Que lugar é esse? Parece-nos ser o lugar sempre renovado da leitura, da discussão, da reflexão.

Esse movimento de *retorno a Saussure* tem sido fortemente instigado pela publicação de manuscritos do mestre genebrino, sobretudo os integrantes do Acervo BPU 1996, reunido em *Escritos de Linguística Geral*, obra organizada e editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, publicada na França em 2002 e no Brasil em 2004. Considerando algumas fontes manuscritas já disponíveis na década de 50[1] e, em especial, esses recentes achados, pesquisadores têm-se debruçado sobre o heterogêneo *corpus* saussuriano – que compreende desde textos publicados pelo próprio Saussure, até suas correspondências, suas notas preparatórias para aulas, seus manuscritos, notas de aula tomadas por seus alunos e, é claro, o *Curso de Linguística Geral* (referido neste texto como *CLG*) –, buscando desvelar um modo de "compreender Saussure após os manuscritos"[2] . Embora alguns estudiosos, ao recorrerem aos manuscritos, empunhem a bandeira da "busca de um verdadeiro Saussure", não é esse o objetivo do presente artigo, tampouco o mote de parte do atual movimento de *retorno* às reflexões saussurianas. Normand (2009, p. 22) muito bem se coloca em relação a isso, defendendo a coexistência entre os trabalhos filológicos em torno de fontes e o "trabalho de difusão e reflexão renovada sobre Saussure" que tomam como pauta o *CLG*, sem que um invalide o outro.

Isso porque, como é sabido, Saussure não escreveu o *CLG*, que consiste no "esboço" de um curso que, como tal, nunca fora dado. Saussure havia ministrado uma série de três cursos na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911; a partir das notas de alunos que fre-

[1] Essas fontes dizem respeito aos cadernos de notas e aos manuscritos tomados como base para a elaboração do *Curso de Linguística Geral* (1916). GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Droz, 1957.

[2] A expressão remete ao livro de Loïc Depecker, intitulado *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*. Paris: Armand Colin, 2009.

quentaram tais aulas, Bally e Sechehaye organizaram o singular livro – particularmente com base no terceiro curso, conforme o próprio prefácio da obra, escrito por eles, atesta. Apesar de haver críticas quanto à constituição da obra e à autenticidade do pensamento ali formulado[3], há teóricos, como Normand (2009, p.118), que defendem o estatuto de texto *fundamental* e *fundador* do *CLG*, na medida em que rompeu com o discurso científico de sua época. Evidentemente, foi o CLG, tal como publicado em 1916, que foi lido por Benveniste, Jakobson e Barthes, dentre outros célebres pensadores, e que inspirou brilhantes reflexões sobre a linguagem. E é o diálogo com um desses pensadores, a saber, Émile Benveniste, que o presente artigo busca estabelecer.

[3] Cf. BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

Na nota sobre o discurso, conforme epígrafe deste artigo, Saussure (2004, p. 235, grifo do autor) escreve: "A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?". Esse questionamento, segundo nosso ponto de vista, antecipa a preocupação de linguistas, como Émile Benveniste, que buscam justamente responder à questão formulada pelo mestre genebrino, a qual suscita outras perguntas: como a língua entra em ação no discurso? Quem faz a língua entrar em ação como discurso? Essa surpreendente nota remeteu-nos a Benveniste e à sua teoria enunciativa, e é esse o movimento de leitura e de interpretação que propomos retomar neste artigo.

Cabe ressaltar, haja vista as informações já apresentadas neste artigo sobre o *CLG* e as tais fontes manuscritas, que não se trata de buscar um "verdadeiro Saussure" nos manuscritos, tampouco de invalidar a reflexão do *Curso*; trata-se de, "munidos dos princípios do *CLG* e advertidos pelos textos 'originais'" (NORMAND, 2009, p. 156), pensar sobre o que essa nota manuscrita evoca e, a partir dela, trazer à luz uma possível relação com a teoria enunciativa benvenistiana – lembrando que Benveniste, tal como explicitado acima, não teve acesso

a essa nota, que integra o "conjunto de manuscritos descobertos em 1996 na estufa da residência genebrina da família de Saussure [...]" (SAUSSURE, 2004, p.16).

A NOTA SOBRE O DISCURSO: CERTEZA, INQUIETUDE E DESEJO?

Antes de partir para a leitura da nota sobre o discurso, retomamos o que diz Normand (2009, p. 29) a respeito de sua percepção como leitora do *CLG*: "É assim que começa o *Curso*, com uma estranha combinação de certeza, de inquietude e de desejo que acompanhará toda nossa leitura". Parafraseando a criteriosa linguista, perguntamos: o que pode haver de certezas, de angústias, de inquietudes e de desejos nessa brilhante nota sobre o discurso?

> A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua entra *em ação como discurso*?
> Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), como *bœuf*, *lac*, *ciel*, *fort*, r*ouge*, *triste*, *cinq*, *fendre*, *voir*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que jogo que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?
> A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará apenas [não indicará nunca], para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o *discurso*, sendo que, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento. (SAUSSURE, 2004, p. 237, grifos itálicos do autor)[4].

[4] A primeira observação que se tem a fazer diz respeito à sublinha na expressão "indicará apenas" e ao acréscimo "não indicará nunca". No original, em francês, tem-se: "La suite de ces mots, si riche qu'elle soit, par les idées qu'elle évoque, **n'indiquera jamais** à un individu humain qu'un autre individu, en les prononçant, veuille lui signifier quelque chose." (SAUSSURE, 2002, grifo nosso). Na edição brasileira, vê-se a *afirmação* em vez da *negação*, o que altera radicalmente o sentido desse excerto.

Saussure inicia sua nota com a clara certeza de que "a língua só é criada em vista do discurso". Mas logo tal certeza complexifica-se, pois ele se questiona sobre a relação entre *língua* e *discurso*; uma vez que a língua é criada em vista do discurso, o mestre pergunta-se sobre o que possibilitaria a separação desses dois "objetos", ou melhor, o que possibilitaria à língua *entrar em ação como discurso*. Tal como o grifo do autor evidencia, seu grande interesse parece repousar em pensar sobre essa ação.

No parágrafo seguinte, Saussure formula novamente essa sua grande questão: depois de citar exemplos de *conceitos revestidos de forma linguística – bœuf*, *lac*, *ciel* etc. – ele se pergunta sobre o *momento*, a *operação*, o *jogo*, as *condições* que possibilitariam a esses *conceitos* (signos no *CLG*) formarem o *discurso* – termo que se pode entender como *fala* na acepção saussuriana.

Para o leitor, já aflito com as instigantes perguntas, o terceiro parágrafo traz um alento, não menos instigante: Saussure explica que os *termos disponíveis na língua* não significam ou comunicam algo para o indivíduo, posto que são palavras *isoladas*. E é ao definir *discurso* que o autor vai desvelar a operação que permite que comuniquemos algo nos valendo desses termos ou palavras: explica o linguista que a língua realiza conceitos isolados que "esperam ser postos em relação"; é, pois, no discurso que se realiza a *ligação* ou a *relação* entre esses conceitos revestidos da forma linguística, fato que produz *significação de pensamento*.

Mas como se constitui tal relação? Ao definir *discurso*, Saussure chama a atenção que tal ligação ou relação entre os termos ocorre "por vias que ignoramos". Embora o mestre genebrino deixe claro que se trata de estabelecer relações para que haja discurso, portanto, *valor*, os modos pelos quais as relações se instauram seriam, ainda, em certa medida um interrogante para o linguista. Seria um desejo trazer à luz essa *via*?

Movidas pelas instigantes perguntas, acreditamos poder afirmar que Benveniste, sem sequer ter tido acesso a este manuscrito saussuriano, acabou por desenvolver as bases de uma teoria que permite explicar que *via* seria essa que permitiria a ligação de que fala Saussure e, dessa maneira, permitiria dar conta, em certa medida, de algumas das perguntas do mestre: "o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?", ou, ainda, "em virtude de que operação, de que jogo que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?".

COMO DO SIGNO SE PODE PASSAR À FALA?

A pergunta que dá título a esta seção é Benveniste quem se faz, em *Semiologia da Língua* (BENVENISTE, 2006, p. 66), remetendo ao contexto de discussão do *CLG*: "Saussure não ignorou a frase, mas visivelmente ela lhe criou uma grave dificuldade e ele a atribuiu à 'fala', o que não resolve nada; trata-se justamente de saber se e como do signo se pode passar à 'fala'."

Nesse texto, Benveniste atesta mais uma vez seu encontro com Saussure e seu modo de dar continuidade ao mestre genebrino pela via do discurso. O encontro Saussure-Benveniste é confirmado pelo caráter semiológico da língua como sistema de signos, mas é justamente nesse ponto que Benveniste depara-se com a "falta" de uma abordagem que considere a língua em relação com outros sistemas de signos e com o homem. Por isso, pontua: "Retomando este grande problema no ponto em que Saussure o deixou, queríamos insistir inicialmente sobre a necessidade de um esforço prévio de classificação, se se quer promover a análise e consolidar as bases da semiologia" (BENVENISTE, 2006, p. 50). Mais adiante formula:

> Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e

> o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:
> - na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância – a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
> - na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 67)

É buscando tematizar a dupla natureza da língua – social e individual – que Benveniste chega à língua em emprego, pois todas as realizações linguísticas – individuais e coletivas – estão ligadas ao exercício do discurso. Por isso, pensamos que a reflexão benvenistiana fornece elementos para explicarmos o modo pelo qual a língua entre em ação como discurso, visto defender em *Os níveis da análise linguística* (BENVENISTE, 2005, p. 140) que "é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem". Ao tratar da comunicação intersubjetiva, no texto *Da subjetividade da linguagem*, vemos seu ponto de encontro com a nota de Saussure: "propomos o discurso como a linguagem posta em ação – e necessariamente entre parceiros" (BENVENISTE, 2005, p. 284). Benveniste finaliza esse texto apontando a necessidade de restabelecimento de muitas noções em linguística para dar conta do quadro do discurso:

> Muitas noções na linguística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação linguística. (BENVENISTE, 2005, p. 293).

Podemos dizer que essas muitas noções em Linguística, sob uma luz diferente, é o que Benveniste propõe em sua teorização enunciativa, formalizada em seu artigo mais difundido no Brasil, *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 2006). Nesse artigo, Benveniste,

conforme ele próprio esclarece, tem por objetivo esboçar o quadro *formal da enunciação*. E uma das definições para esse *grande fenômeno* é a seguinte: "A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização." (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Podemos estabelecer, a partir dessa definição, uma relação com a nota saussuriana, uma vez que, para Saussure, está claro que há conceitos que "esperam ser postos em relação" para que haja "significação de pensamento". Para Benveniste, o mesmo é válido, embora o diga em outras palavras: a língua, sistema de signos, espera ser posta em funcionamento por um locutor por meio da enunciação; "antes da enunciação a língua não é senão possibilidade de língua" (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Mas como se dá esse "mecanismo", esse "jogo", essa "operação"? Como o locutor coloca a língua em funcionamento?

Segundo Benveniste, o *grande processo* de colocar a língua em funcionamento pode ser estudado sob diversos aspectos, dentre os quais destaca principalmente três: primeiro, *a realização vocal da língua*; segundo, *a semantização da língua*; e terceiro, *o quadro formal de realização da enunciação*. Interessa-nos retomar, aqui, o que diz Benveniste sobre o segundo aspecto, entendido por ele como o "mecanismo" (BENVENISTE, 2006, p. 82) da produção da enunciação.

Ao tratar desse aspecto, o linguista reafirma a concepção de enunciação como um ato individual que coloca a língua em funcionamento e indica um caminho para a abordagem desse processo:

> A enunciação supõe **a conversão individual da língua em discurso**. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o "sentido" se forma em "palavras", em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a **semantização da língua** que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela **conduz à teoria do signo e à análise da significância**. (BENVENISTE, 2006, p. 83, grifos nossos).

Nesse trecho, Benveniste indica o "mecanismo" da passagem da língua para o discurso: trata-se da semantização daquela. A noção de *semantização* pode ser entendida como um mecanismo em que o locutor, apropriando-se da língua (semiótico) por meio de índices específicos e procedimentos acessórios, faz referência a si, ao outro, ao tempo e ao espaço; dessa forma, ingressa no semântico, "modo específico de significância que é engendrado pelo discurso" (BENVENISTE, 2006, p.65).

Explicamos: é possível depreender que o processo de semantização está relacionado a esses dois modos de significância: o modo semiótico e o modo semântico, já propostos por Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem* (BENVENISTE, 2006), a partir da concepção saussuriana de *língua como sistema de signos*. Afirma o linguista que "há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma", a saber, a língua como semiótica e a língua como semântica (BENVENISTE, 2006, p. 229).

O semiótico, que tem por unidade o signo, caracteriza-se como uma propriedade da língua: esse domínio não se ocupa da relação dos signos com as coisas denotadas, nem das relações entre a língua e o mundo; o signo tem sempre valor genérico e conceptual, não admitindo significado particular. O sentido, no semiótico, define-se em uma relação paradigmática, isto é, pelas relações opositivas com os outros signos no interior do sistema. Essa proposição de Benveniste pode ser articulada àquilo que Saussure diz, na nota, sobre os "vários conceitos [que] estão ali, prontos na língua".

Do signo, unidade do semiótico, Benveniste passa à frase, questionando-se sobre a função comunicativa desta, já que é por meio de frases que nos comunicamos. O autor ressalta que signo e frase pertencem a dois mundos distintos, fato que instaura uma divisão fundamental na língua – mas que não coincide com a divisão saussuriana de língua e fala. Com a frase, ingressa-se no semântico, "no domínio

da língua em emprego e em ação" (BENVENISTE, 2006, p. 229). Segundo aponta, a frase é a expressão semântica por excelência, trata-se da *produção do discurso*. Aqui, importa aquilo que o locutor atualiza em discurso; logo, o sentido, no semântico, dá-se em uma relação sintagmática. O modo semântico resulta, assim, dessa "atividade do locutor que coloca a língua em ação" (BENVENISTE, 2006, p. 230).

Então, ao apontar que o que interessa observar no mecanismo de semantização é o modo "como o 'sentido' se forma em 'palavras'" e dispor os "procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram" (BENVENISTE, 2006, p. 83), Benveniste, de certa forma, apresenta uma *via* ou um *caminho* que possibilita compreender o processo de atualização da língua em discurso – processo que pressupõe a atividade do locutor (o indivíduo da nota saussuriana), tomado como o "parâmetro nas condições necessárias da enunciação." (BENVENISTE, 2006, p. 83).

Para dar conta de explicar como se dá a semantização, devemos levar em consideração a relação forma-sentido que, no semântico, materializa-se em um sintagma. É no sintagma que se ligam os elementos de certo enunciado, produzido por um *locutor* em um *aqui-agora*, visando a transmitir certo *sentido*. Como o sentido da frase é a ideia que ela exprime e que se realiza formalmente nesse sintagma, portanto no discurso, "ver como o sentido se forma em palavras" implica observar, sobretudo, o agenciamento das palavras, a organização sintática, a ação de uma palavra sobre as outras, ou seja, a *sintagmatização*. Trata-se de, nos termos saussurianos, colocar os signos em relação entre si para produzir valor de discurso.

Por isso, ao se encaminhar para o final do artigo *A forma e o sentido na linguagem* (BENVENISTE, 2006), Benveniste entende que esses dois sistemas, o semiótico e o semântico, se superpõem, o que o linguista traduz através da expressão *língua-discurso*. Esses termos, língua e discurso, não mais se opõem, mas, como o próprio mestre enunciativo

salienta, se superpõem: na base há o sistema semiótico, sobre o qual "a língua-discurso constrói uma semântica própria" (BENVENISTE, 2006, p. 234). Tais proposições parecem permitir ao linguista explicar a via pela qual se dá a conversão da língua em discurso e projetar desdobramentos de sua teorização no final de O *Aparelho formal da enunciação*: "Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui" (BENVENISTE, 2006, p. 90). Assim como Benveniste segue os *rastros* de Saussure, podemos dizer que o mestre enunciativo convida seus leitores a continuarem a caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor, neste artigo, um movimento de leitura e interpretação da nota sobre o discurso redigida por Saussure, buscamos retomar o mote inspirador que tem conduzido nossas pesquisas, uma vez que, para nós, tal nota evoca a reflexão enunciativa de Émile Benveniste, que não teve acesso a esse manuscrito.

Assim, neste texto, após discutir brevemente a anotação sobre o discurso, que denuncia a complexidade, o refinamento e a atualidade das "certezas, inquietudes e desejos" de Saussure, buscamos apresentar uma possibilidade de resposta aos seus questionamentos, por intermédio de Benveniste e sua teoria enunciativa. Quando Benveniste, em *O aparelho formal da enunciação*, explora os aspectos da enunciação e, em especial, quando sintetiza o procedimento de *semantização* da língua (segundo aspecto), entendemos que explicita uma possível via para que entendamos o complexo jogo de operações em que se encontra envolvido um locutor quando atualiza a língua em discurso.

E é justamente a passagem da língua ao discurso que permite, de um ponto de vista filosófico, a Agamben (2005) desdobrar novas perspectivas para o campo da linguagem, ao defender que a passagem

da língua ao discurso é o que permite a produção de um saber e ao homem historicizar-se na linguagem, pois, se pudéssemos encontrar um momento em que houvesse homem sem haver linguagem, ou seja, sem haver discurso, poderíamos dizer que ali estaria a experiência pura e muda. Agamben, valendo-se de Benveniste, mostra que isso não existe, visto que, por mais que voltemos no tempo, sempre encontraremos um homem falando com outro homem. Seguindo essa reflexão, consideramos que é a passagem da língua ao discurso que possibilita ao homem e à sua língua se refazer e se renovar a cada instância de emprego.

Este artigo trata, como frisamos, de apresentar uma leitura e *possibilidades* de interlocução entre as reflexões saussurianas e as benvenistianas. Considerando tais possibilidades, finalizamos com as sábias palavras de Normand: "Se for buscada a última palavra de uma teoria e a verdade de um pensamento, é melhor renunciar a Saussure." (NORMAND, 2009, p. 169). E acrescentaríamos, ainda, que é melhor renunciar também a Benveniste.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

___. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Ed.e Org.). São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

___. *Curso de Linguística Geral*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação*: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CAROLINA KNACK

Doutoranda em Estudos da Linguagem, especialidade Teorias do Texto e do Discurso, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: carolinaknack@gmail.com

CARMEM LUCI DA COSTA SILVA

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Língua Portuguesa na mesma Universidade, onde atua na graduação em Letras e no respectivo Programa de Pós-Graduação, na linha de pesquisa de Teorias do Texto e do Discurso.

E-mail: clcostasilva@hotmail.com